

# UMA EXPERIÊNCIA, ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA, DIANTE DE UMA TRAGÉDIA NA CIDADE DE SÃO LOURENÇO DO SUL- RS<sup>1</sup>

Alexandre Eslabão Bandeira<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo descreve a partir do relato de experiência, um momento de catástrofe, através do olhar de um pesquisador na busca de uma práxis social, ou seja, a união entre a teoria e prática de campo. O objetivo geral foi, portanto, buscar elucidar e iluminar a manifestação da complexidade do social, onde a realidade não condiz com os fatos, precisando resgatar os processos, desenvolvendo uma análise teórica da capacidade organizacional que as pessoas em momentos de crises são capazes de praticar. Daí surgiu a idéia de registrar o acontecimento, numa forma crítica e que tenha como eixo principal os verdadeiros heróis, aqueles que passam por uma tragédia, e que ao mesmo tempo condicionados pela situação, continuam a ter que pagar impostos, ter que trabalhar ter que respirar, enfim, lutar sempre num novo dia. A idéia foi posta em prática numa forma de extensão universitária entre dois universitários com a iniciativa de ir até a cidade de São Lourenço do Sul e fazer uma vivência participativa junto à comunidade.

**Palavras- chave** Catástrofe. Práxis Social. Complexidade do Social. Extensão Universitária

## EXPERIENCE, BETWEEN THEORY AND PRACTICE, IN FRONT OF A TRAGEDY IN THE CITY OF SÃO LOURENÇO DO SUL- RS.

## ABSTRACT

---

<sup>1</sup> A partir desse relato de experiência, há a possibilidade de relatar um momento de catástrofe, através do olhar de um pesquisador, na busca de uma práxis social, isso é, a união entre a teoria e prática de campo. Este artigo faz parte de um trabalho maior desenvolvido a partir da dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande- FURG e da atualização do proponente. A dissertação defendida em Junho/2010, sob a orientação do Professor Dr. Dário de Araújo Lima, intitula-se: “**Reflexões teóricas sobre os processos sociais da contradição exclusão/inclusão.**”

<sup>2</sup> **Autor/proponente:** Mestre Alexandre E. Bandeira: Graduado em Geografia Plena FURG; Mestre em Geografia FURG; Tutor/bolsista (distância) no curso de especialização em Educação em Direitos Humanos, do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)/ FURG e Membro do [Grupo de Pesquisa em Política Natureza e Cidade](#) com trabalho na linha de pesquisa Observatório dos conflitos urbanos - FURG; correio eletrônico: [aebandeira@gmail.com](mailto:aebandeira@gmail.com).

This article describes the basis of statements of experience, a time of disaster through the eyes of a researcher in search of a social practice, ie the union between theory and field practice. The overall objective was, therefore, seek to clarify and illuminate the manifestation of social complexity, where reality does not fit the facts, needing rescue procedures, developing a theoretical analysis of organizational capacity that people in times of crisis are able to practice. Hence arose the idea to record the event in a critical manner and which has as main axis the real heroes, those who go through a tragedy, and at the same time conditioned by the situation, still have to pay taxes, have to have to work breathe in short, always fight a new day. The ideas was put into practice a form of university extension between two university students with the initiative to go to the city of São Lourenço do Sul- RS and a participatory experience in the community.

**Keywords:** Catastrophe. Social Praxis. Social Complexity. University Extension

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tragédias ambientais de grande magnitude, as quais geram destruição e conseqüências sócio-ambientais, afloraram pelo mundo nos últimos anos. Essas catástrofes trazem também apreensão e medo às populações, no momento em que se tornam cada vez mais freqüentes e eminentes de acontecerem em qualquer lugar e não somente num espaço distante. Tomando proporções mundiais e gerando sentimentos diversos, os eventos ocorridos no Haiti, Chile, Japão e até mesmo na região do Estado do Rio de Janeiro, são exemplos de acontecimentos que se tornaram muito próximos de todos nesses últimos anos. Dessa forma, a enchente ocorrida em São Lourenço do Sul, na região sul do Estado do Rio Grande do Sul, em 10 de março de 2011, também torna-se um espaço eminente de uma dessas tragédias que deixou de acontecer nesse espaço distante, provando que nenhum território esta imune de tais eventos.

A cidade de São Lourenço do Sul ou podemos dizer “São Lourenço do Sol” (slogan vendido por ser uma cidade turística e ter uma bela paisagem a beira da Laguna dos Patos) passou no dia 10 de março a sua maior catástrofe natural ao ser atingida por uma enxurrada no arroio São Lourenço do Sul que destruiu bairros da cidade (entre os bairros mais atingidos encontram-se os de Navegantes e Triunfo) e gerou calamidade local. O nível do rio subiu cerca de 3 metros em alguns locais, levando ao óbito cerca de sete pessoas e uma oitava possível vítima que ainda permanece desaparecida. A prefeitura estima um prejuízo financeiro de 400 milhões de reais, além de ter cerca de 20 mil de seus habitantes atingidos diretamente, dos quais 2,5 mil estão fora de suas casas devido a perdas quase que totais de seus bens, estando habitando em casas de amigos, parentes ou em abrigos cedidos pelo poder público (segundo a defesa civil

cerca de 350 pessoas foram acolhidas nesses abrigos coletivos). Segundo os noticiários, com a mobilização de municípios vizinhos e voluntários, chegou à cidade mais de 30 toneladas de alimentos.

Frente ao ocorrido, nasce uma iniciativa própria e reflexiva, de se fazer um registro áudio-visual que aborde as intempéries do cotidiano e da vida das pessoas atingidas pela enchente em questão, procurando abordar a experiência vivida por cada um, além de analisar o fato de não estarmos preparados para lidar com tais desordens. Para realização de tal projeto, dois alunos, pesquisadores e educadores com formações nas ciências “Artes visuais e Geografia”, uniram seus conhecimentos teóricos e práticos. No entanto, após a idéia primária ser lançada, viu-se que para dar continuidade seria necessário mais pessoas estarem ligadas, e para isso nada melhor do que o registro dos próprios heróis dessa história para delinear e tornar mais fidedigno o material a ser construído.

O registro dos acontecimentos, partindo de depoimentos de moradores do local em questão, se fez de forma crítica, através de um projeto de extensão universitária, onde os alunos mentores do projeto foram fazer uma vivência participativa junto à comunidade atingida, e o que se construiu a partir daí foi um documentário intitulado “Seis Dias Depois”. Pelo fato da nossa chegada acontecer no dia 16 de março e termos diante de nós todas as informações via mídia (TV, jornais, rádios etc.) de seis dias sobre o ocorrido, além de toda a mobilização de voluntários locais e de pessoas de fora e toda a assistência prestada nesse tempo, é que se justifica o documentário em questão ser intitulado de “Seis Dias depois”.

As imagens nos falam tudo na chegada à cidade; a total destruição nos bairros atingidos pelas águas do arroio São Lourenço do Sul proporciona novas atitudes e reações em cada pessoa envolvida com o acontecido. Os semblantes refletem visivelmente a catástrofe ocorrida e agora contraditoriamente, no pós-catástrofe, já começa a delinear-se também, em alguns indivíduos, um sentimento de volta a normalidade. Desse modo, documentamos o sexto dia depois, mas poderia ser qualquer um, visto que mesmo numa catástrofe tudo tende a voltar à normalidade, pois as pessoas terão que seguir a vida rotineira. Portanto, é nesse movimento que a experiência caminhará, para promover reflexões sobre a existência, consciência e condição dos seres humanos numa situação de catástrofe e a tentativa de refletir sobre os comportamentos,

individuais e coletivos, antes e depois. Para que tal projeto aconteça, a proposta era ver através da convivência, das falas de moradores, famílias e voluntários a percepção do ocorrido na cidade, as conseqüências e contradições que podem existir na argumentação de cada pessoa quando falam do mesmo assunto e passam pela mesma situação, cada um com sua carga social e ambiental.

A experiência retratou a situação de calamidade e desespero dos atingidos, mas também proporcionou reflexões de situações que em épocas ditas “normais” não afloram. Portanto, a saída de um cotidiano estável dito “normal”, onde a sociedade dentro de um sistema capitalista segue sua vida de mero consumidor e onde a questão do individualismo perpetua-se em todas as instâncias, é questionada no que tange ao seu verdadeiro alicerce para as cidades e para o estilo de vida urbano. Assim, a “cidade dos negócios” passa a ser defrontada nesses momentos de desespero, sofrimento, solidariedade e superação, podendo revelar novas situações, as quais poderão servir de aprendizado a cerca da condição humana para épocas normais ou de catástrofes futuras.

## **2. O CAMINHO DE MÉTODO**

Escolher um caminho de método, segundo Milton Santos (1996), significa considerar diversas escalas de manifestações da realidade, havendo uma necessidade de periodização do espaço-tempo. Desse modo, às manifestações no espaço transcorre uma história de fatos que se manifestam sob diferentes formas e significados. Conforme o mesmo autor, o "espaço geográfico se define como união indissolúvel de sistema de objetos e sistemas de ações, e suas formas híbridas, as técnicas que indicam como o território é usado" (p.19). Enfatizar-se-á, nesse artigo, o conceito de território (Santos, 1996) concebido como uma extensão apropriada e usada.

O território, visto como unidade e diversidade, é uma questão central da história humana e de todos os países e constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual [...] Na medida em que são representativas das épocas históricas, as técnicas, funcionando solidariamente em sistemas[...] Esses sistemas técnicos incluem, de um lado a materialidade e, de outro, seus modos de organização e regulação. Eles autorizam, a cada momento histórico, uma forma e uma distribuição do trabalho (SANTOS, 2003, p.20).

Essa manifestação é vista tanto em escala local como global, sendo que, diante das contradições, ela cria uma hierarquia territorial, onde "o peso do mercado externo na vida econômica do país acaba por orientar uma boa parcela dos recursos coletivos para a criação de infra-estruturas, serviços e formas de organização do trabalho" (SANTOS, 2003, p.21), os quais se manifestam na gênese de formação territorial do Brasil e em particular na cidade de São Lourenço do Sul.

Nessa ótica, poderemos ter a percepção de como se manifesta o meio técnico científico e informacional, o qual, para Milton Santos é "a expressão geográfica da globalização" (2003, p.21). Esse sistema não ocorre por todo de uma só vez, ele transforma-se numa complexidade de fatores que vão do sistema econômico, base deste sistema vigente e de suas bases, que são os povos e suas diferentes culturas, erguendo assim uma sociedade de massas surgida das diferentes fragmentações. A divisão territorial do trabalho cria uma hierarquia entre lugares e redefine, a cada momento, a capacidade de agir das pessoas, das firmas e das instituições. Na contemporaneidade, o novo conjunto de técnicas torna-se hegemônico e constitui a base material da vida da sociedade, mas que em momentos de catástrofe essa hierarquia fica nula, pois, uma enxurrada não escolhe classe social e nem status social.

As sociedades que existem, atualmente, nas diversas regiões da Terra, embora apresentem as mesmas características organizacionais gerais, possuem um estilo de vida próprio, um comportamento coletivo particular, que é a cultura e que aqui é visto como um bem de produção, de consumo e de troca. Essa pode ser definida como a totalidade dos bens espirituais e materiais que caracterizam um grupamento humano. A cultura abrange não só o conjunto de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos, como também os padrões de conduta e de atitudes de determinado grupo social. Sua aquisição e perpetuação é um processo social, e não somente biológico resultante da aprendizagem, e por isso, a cultura também é chamada de herança social (PINTO, 1979).

Para o filósofo Vieira Pinto (1979), a cultura é vista como uma criação do homem, resultante da complexidade crescente daquilo que ele faz com a natureza material e da luta que trava para manter-se na mesma, ao longo de sua existência. Com o tempo e com o desenvolvimento da ideação reflexiva, foram ocorrendo transformações em sua organização, que lhe permitem inovar suas operações com a natureza e, assim, praticar atos antes desconhecidos. A partir daí, começa a haver uma

separação entre o mundo material e o pensamento humano e a própria natureza, sendo que a cultura é uma manifestação histórica do processo de humanização em que o caráter de “humano” se apresenta como um conteúdo de valor ético.

No campo da cultura, começam a aparecer distinções valorativas, diferenciadas em setores especializados e distribuídas em graus variáveis aos técnicos e aos próprios operários, embora a cultura surja de baixo para cima através da necessidade do conhecimento. A partir daí, podemos nos referir à cultura como a relação do homem com a natureza, através de técnicas desenvolvidas em sociedade, as quais utilizam para sua sobrevivência e para atribuir sentido às coisas.

A compreensão da divisão social do trabalho é de máxima importância para a inteligibilidade da teoria da ciência, uma vez que assim entende-se porque desde eras remotas se introduziu o divórcio entre a origem material do conhecimento e sua formulação teórica; divórcio esse que condicionará toda a história da ciência até a contemporaneidade. A mais nefasta das conseqüências dessa bipartição será o desacordo entre os grupos sociais no contato com a realidade natural. Os que tomam a natureza nas mãos, a manipulam, e que, portanto, estariam em condições de pensá-la na concretude de seus objetos, fenômenos e de suas propriedades, estão subordinados a uma finalidade produtiva de que não são autores e pela qual não são responsáveis. Esse fim consiste em extrair da natureza os bens de consumo que não irão utilizar para si, como classe, mas ceder a outros, que os arrebatarão e os consumirão prontos (HESS, 2005).

Nesse sentido, as ciências humanas estão apenas no começo de sua jornada, tendo muito a se pensar nessa área. O autor Francês Hemi Hess salienta que a pesquisa deve ser progressiva, podendo retomar o método regressivo-progressivo, procurando articular a descrição de estrutura e historicidade, pensando uma questão que considera delicada: o que é local, o que é global? O que é geral, o que é específico? Ainda para o autor, aderir a um paradigma é mais profundo que inscrever-se em uma teoria. O paradigma da análise institucional traz, nele, valores que parecem ultrapassar o puro processo de pesquisa, em um engajamento militante por uma sociedade mais consciente dela mesma, mais autônoma, por relações interpessoais mais explícitas. A pesquisa inscreve-se, assim, em uma relação de valores: ela não é, portanto, jamais “neutra” (HESS, 2005).

Marco Mello (2004) ressalta que toda pesquisa nasce de um interesse, segundo ele: econômico, político, social, podendo até ser pedagógico. A realidade é o pano de fundo da questão, sendo um desafio a ser desvendado, tendo clareza do processo pretendido com a pesquisa: “A pesquisa de realidade é um dos princípios organizativos de uma nova cultura; a pesquisa de realidade é um princípio educativo que está nas raízes de uma educação libertadora”.

Segundo José de Souza Martins (1996), o método dialético está no centro desse retorno progressivo-regressivo, retomando o homem como um ser protagonista da sua própria história, das suas ações. A questão do método, desde Marx até Lefebvre, é de suma importância, pois a relação entre prática e teoria, entre o pensar e o viver assume uma posição vital. Lefebvre indica que as relações sociais não são uniformes nem têm a mesma idade, portanto, numa relação de descompasso e desencontro elas coexistem (MARTINS, 1996).

Cada relação social tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura material e espiritual também tem sua data. O que no primeiro momento parecia simultâneo e contemporâneo é descoberto agora como remanescente de época específica. De modo que no vivido se faz de fato combinação prática de coisas, relações e concepções que de fato não são contemporâneas. O desencontro das temporalidades dessas relações que faz de uma relação social em oposição a outra a indicação de que um possível esta adiante do real e realizado [...] são estes desencontros que dão sentido à práxis [...] no vivido, a práxis é contraditória. Ela reproduz relações sociais. Mas Lefebvre observa, não há reprodução de relações sociais sem produção de relações sociais sem uma certa produção de relações não há repetição sem uma certa inovação (MARTINS, 1996, p.22).

Nesse sentido José de Souza Martins, em referência a Lefebvre, entende que a desigualdade dos ritmos do desenvolvimento histórico decorre do desencontro que faz do homem produtor de sua própria história, e ao mesmo tempo, o divorcia dela. A formação dos ritmos desiguais é econômica e social porque abrange simultaneamente esses dois âmbitos da práxis: a natureza (o econômico) e a sociedade (o social). Sendo assim, o método regressivo progressivo, atende esse olhar para uma realidade de desenvolvimento desigual. Sendo assim, interpreta que as forças produtivas e as relações sociais, juntamente com as superestruturas, vivem em ritmos diferentes.

A lei da formação econômico-social é a lei do desenvolvimento desigual: “ela significa que as forças produtivas, as relações sociais, as superestruturas (políticas, culturais) não avançam igualmente, simultaneamente, no mesmo ritmo histórico. mesmo aí, a lei do desenvolvimento desigual foi interpretada na perspectiva economicista que reduziu a qualidade das contradições que integram e opõem diferentes sociedades à mera gradação de riqueza na dicotomia insuficiente de desenvolvimento e subdesenvolvimento. Na verdade, “a lei do desenvolvimento desigual tem uma multiplicidade de sentidos e aplicações” (MARTINS, 1996, p.17-18).

O mundo moderno estabeleceu uma cisão entre o pensamento e a natureza, uma separação entre a teoria e a prática social, entre o vivido e o concebido. Todo costume se estabeleceu no vivido, em uma certa unidade cultural (através do consumo), ao passo que a moral se coloca no domínio do concebido - é uma forma que surge como produto das relações entre os homens, ao mesmo tempo em que os homens se representam por uma moral reguladora de atos e relações.

O homem cotidiano vive uma ilusão, a qual Lefebvre chama de transparência da realidade substancial. Essa consiste na percepção desse conjunto de transparências através de véus que as encobrem e que são necessários de serem desvendados. Entretanto, a intervenção no cotidiano permite resgatar, por meio das formas, o conteúdo que representa a substancialidade desse mundo real. E foi isso que pretendemos com nosso trabalho construído em São Lourenço do Sul.

### **3. O CAMINHO DENTRO DA REALIDADE**

No momento em que passamos a ponte do arroio em Turuçu, tivemos uma amostra do que iríamos ver em São Lourenço; o arroio já havia voltado para o seu nível normal, mas, a imagem era que tinha passado uma espécie de furacão naquela área, o que podia ser visualizado através de árvores e casas do entorno do leito do rio as quais tinham sido derrubadas. Quando chegamos à cidade e desembarcamos na rodoviária, não tínhamos ainda a dimensão do ocorrido dias antes. A primeira pessoa que tivemos contato foi à moradora, de iniciais D. P., que nos guiou pela cidade e nos deu as primeiras informações. Posteriormente, seguimos para um dos abrigos que a cidade organizou para socorrer as pessoas desde o ocorrido no dia 10 de março. O abrigo era na comunidade da Igreja Matriz onde foram acolhidas pessoas no salão paroquial. Fomos



recebidos também por outras duas pessoas que estavam coordenando este abrigo, a vereadora e irmã de D. P., a senhora A. P., outra voluntária, a E. M. R.

A caminha começou logo após termos um primeiro contato com algumas pessoas da cidade. Ao chegarmos à comunidade da matriz, podemos observar as pessoas ali alojadas e o início do almoço, feito por integrantes da própria comunidade afetada e também por voluntários.

Sáimos pelos bairros atingidos junto à moradora D. que era a nossa guia, e a qual nos deu condições de obter informações sobre a tragédia. Neste momento, o chegar nos locais em que se deu a catástrofe, tivemos o primeiro impacto em grande escala da destruição que fora causada na cidade: as ruas cobertas com entulhos, de materiais que eram das casas as quais foram destruídas; entre esses, podia ser encontrado todos os tipos de móveis, roupas, livros, brinquedos, que foram afetados e/ou danificados. Nessa hora, nos defrontávamos com um estrago de dimensões devastadoras podendo ser comparado, em alguns aspectos, as imagens mostradas pelos meios de comunicação durante os ocorridos no Haiti ou no território japonês. No entanto, diferentemente dos outros acontecidos, em São Lourenço não se deu um maremoto, terremoto, furacão, mas uma enxurrada de um arroio que em poucas horas deixou grande parte da cidade submersa, causando desespero e terror para os moradores locais, que naquelas situações protagonizaram valores e atitudes de heroísmo.

#### **4. OS VERDADEIROS HERÓIS**

Os sujeitos que passam por uma situação de catástrofe, além de serem condicionados pela nova condição que lhes é imposta, tem que continuar inseridos em uma rotina habitual que volta a se estabelecer com o esfriamento da tragédia. Dessa forma e contrariando as matérias exibidas pela mídia, as quais colocam a equipe de resgate e salvamento da Corporação Bombeiros como seres personificados da figura de “heróis”, questiono frente a esses acontecidos quem são realmente os heróis em meio a uma tragédia.

Até num caráter provocativo à grande mídia, além do visto em São Lourenço do Sul, creio e justifico que os verdadeiros heróis são realmente a própria população diretamente atingida, pelo simples fato de serem as próprias vítimas de todo o acontecido. A corporação dos Bombeiros é, sem dúvida, uma grande corporação, mas é

treinada, paga monetariamente e vive para este tipo de situações. Já a sociedade, carece destes treinamentos, e por mais, são as vítimas que precisam superar as próprias limitações e situações pelas quais passam nestes momentos de catástrofe.

A partir de então, esses verdadeiros heróis começam a pesar seus valores e atitudes, através de cada família, cada pessoa, que no percurso dessa experiência proporcionaram através de relatos as suas histórias de vida, e das suas condições naquele momento.

Nesse momento do trabalho, torna-se de imensa importância a análise de cada história heróica colhida em meio à tragédia registrada no nosso estudo, as quais envolvem as famílias diretamente atingidas, bem como os voluntários que se dedicaram a essa missão. Portanto, abaixo segue o relato de algumas dessas histórias onde os “heróis” terão seus nomes abreviados para preservação de suas identidades, e, portanto, num caráter metafórico, estarão condicionados a imaginação dos leitores.

#### **Família 1:**

A família do senhor A. I. foi o primeiro morador a dar um relato sobre a situação; falou que não estava no momento da enchente em casa, pois trabalha na cidade de Canoas, mas conforme foi avisado do pedido de ajuda da família, voltou no mesmo instante para sua casa para auxiliar a mesma. No dia da tragédia, socorreu sua família de barco logo após chegar à cidade. Na hora que conversamos com ele, estava fazendo o que todos na cidade faziam no momento: a limpeza das casas, retirada de entulhos e tentativa de aproveitar aquilo que a enxurrada não levou ou danificou.

#### **Família 2:**

K. M. L. é a moradora na Avenida São Lourenço, uma casa de construção antiga, do início do século XX, onde morava ela, seu marido e seus 7 filhos. No momento da abordagem, a senhora estava fazendo uma faxina na casa, tentando lavá-la com um lava jato. Com a ajuda de uma amiga (J. K. O.) que não tivera sua casa atingida. Na casa de origem pobre, não restou nada, apenas a velha casa que ainda suporta as ações do tempo. A mãe jovem, de apenas 24 anos, relatou que todos os seus 7 filhos estão nervosos e muito chocados com o acontecido; devido a falta de estrutura, todos estão em casas de outros familiares que tiveram melhor sorte e menos prejuízo.

### **Família 3:**

A família do senhor P. J., de 39 anos, é uma família de ciganos, que vive a origem de comerciantes ambulantes e que é composta de 13 componentes ( quatro gerações vivendo juntas). O Sr. P. J. falou que perdeu todos os carros de sua família na tragédia, além de seus pertences materiais, entre eles tecidos de seda de origens diversas do mundo inteiro. Na casa o mais revoltado com a situação era o senhor A. J., pai de P. J., o qual desabafava para nós que as promessas de ajuda financeiras, ditas que teriam juros zero, para poderem prosseguir com suas vidas e atividades, eram todas promessas que não seriam cumpridas pelos governantes. Seu A. J. falou que tinha essa informação pois fora no Banco e não tinham nada de informações sobre as promessas ate o momento.

### **Família 4:**

A família do senhor G. S. V. perdeu todos os móveis dentro da sua casa (TV, geladeira, máquinas de lavar roupa tudo não funciona mais). Encontramos esse senhor no meio de sua rua, sentado, a espera dos voluntários, que estavam fazendo cadastros exigidos pela prefeitura da cidade, e da entrega de colchões oriundo de uma distribuição. Seu G. S. V. mora com sua esposa C. V., seus dois filhos homens que são gêmeos J. V. e J. V., e sua filha mais nova M. V. A família desse senhor nos proporcionou um dos relatos mais intensos e comoventes que tivemos na jornada de nossas filmagens e entrevistas. Eles nos encantaram, pois fizeram questão de mostrar a sua casa e ao invés de tristezas nos apresentaram alegrias a partir da música. Ambos os filhos desse senhor são músicos. Eles nos contam que desde quando seus filhos eram bem pequenos havia o incentivo à música. Os gêmeos já formam uma dupla sertaneja “JJ”, mas o seu sonho é formar um trio sertanejo que seria “J.J.M”, o qual incluiria a menina da casa. Fomos contemplados com depoimentos de toda a família e também com três musicas cantadas pela família toda. Esta família demonstrou união família e todos os sentimentos não só da enchente, mas da vida toda, das alegrias e tristezas familiares.

### **Família 5:**

O professor J. F. deu o seu depoimento em meio ao bairro, onde conversamos num cruzamento de rua, frente a uma escola destruída pelo ocorrido. Ele falou que

houvera outras duas grandes enchentes na história de São Lourenço, mas nenhuma de grande magnitude como esta do dia 10 de março de 2011. Falou sobre a situação da cidade e comentou sobre alguns aspectos de comportamentos que acontecem diante da calamidade. Entre a sua fala comentou, como um ponto positivo, a ausência de saques, roubos nas residências, estando tudo tranqüilo neste aspecto. Fez uma reclamação, para com os Lourencianos (nome dado a quem nasce na cidade): a população esta jogando tudo fora, mesmo aquilo que, segundo ele, que poderia ser reaproveitado, devido ao boato que se espalha na cidade que tudo seria dado novamente pelo Governo, em dinheiro, para cada família comprar e arrumar suas casas. Seu trabalho é três dias da semana na cidade de Santa Vitória do Palmar- RS, como professor de Artes, mas no momento, esta sem trabalhar devido a sua situação ocorrida.

### **Família 6:**

S. é tutora Presencial no pólo de São Lourenço do Sul, no curso de Pós Graduação em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Aberta do Brasil que faz parte dos cursos à distância da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Mãe do J., que também estuda na FURG, fazendo curso de Gestão Ambiental. A tutora também teve sua casa atingida, moradora na Rua Princesa Isabel, ela reside no bairro que se chama Navegantes ( onde no dia da tragédia os moradores literalmente tiveram que navegar para sobreviver). Ela comentou o seu resgate que ocorreu junto com sua mãe, com o auxilio de um helicóptero de socorro. Segundo ela, a sua viagem dentro de uma gaiola foi uma das mais emocionantes histórias que passara na sua vida. Comentou também que só ficou tranqüila quando o seu filho chegou a base de resgate, e só então começou a pensar nas outras possibilidades e futuras dificuldades. Dentro das suas falas, comentou a questão do afastamento com seus vizinhos e pessoas da cidade em dias ditos normais, e ressaltou que precisou acontecer uma tragédia para ter afinidade e saber da existência de pessoas que até então moravam ao seu redor. Outro fato mencionado por ela e seu filho, é que pensavam nas “fotos” de família, logo após a enchente, tentando de qualquer forma recuperá-las. Essa senhora estava numa casa de uma amiga, que não teve sua propriedade atingida, e que lhe acolhera desde então. Essa amiga somente lhe cobrava que fizesse uma alimentação, pois já havia passado muito tempo sem alimentar-se. Desse forma vemos o cuidado e a solidariedade caminhando juntos nesta simples atitude.

## **Os voluntários**

Os voluntários são todos os moradores, sejam eles atingidos ou não, e pessoas como a senhora A. M. F. (assistente social) que estava a auxiliar em um dos abrigos que além de abrigar as famílias, também fornecia alimentação diária (almoço e janta) feitas pelos próprios moradores atingidos e voluntários. Essas alimentações, para a maioria dos que lá se encontravam, serviam como única alimentação diária, pois nada sobrou de alimentos nas casas devastadas. A voluntária R. B. (também assistente social), que veio da cidade de Pelotas para ajudar com o cadastramento para fins de controle da prefeitura no ordenamento de ajuda, também era uma das voluntárias envolvida com o trabalho no local.

## **Resultados**

Foram analisados os movimentos inclusivos e exclusivos elencados diante da dialética do social ao individual que se fazem presentes em tragédias, neste caso primariamente ambiental, mas que traz conseqüências diversas. As escalas de realidades foram postas e sobrepostas, e essas contemplam os sistemas de objetos e de ações que ocasionaram e condicionam os espaços nas suas ações de “uso” e, que ficam camufladas diante das “metáforas das verdades”. O objetivo geral foi, portanto, buscar elucidar e iluminar a manifestação da complexidade do social, onde a realidade não condiz com os fatos, precisando resgatar os processos, desenvolvendo uma análise teórica da capacidade organizacional que as pessoas em momentos de crises são capazes de praticar. Os atos de heroísmo que cada pessoa e cada grupo voluntário na cidade de São Lourenço do Sul praticou significa que nem tudo está perdido em relação ao ser humano, mas requer um olhar crítico para a realidade, e, por sua vez, para a prática de novas atitudes.

Foi preciso um momento catastrófico para que as pessoas retomassem práticas solidárias, sentimentos que até então estavam esquecidos no dia-a-dia corriqueiro de cada um. As pessoas ocupam e produzem os lugares, mas fazem isso através de egoísmos individuais, através de materialismos históricos; pequenos gestos e pequenas atitudes ficam abafados pela situação do ter. Assim, esta experiência conseguiu demonstrar que o homem, pode sim transformar o seu entorno num ambiente mais harmônico e solidário, onde o ser construa novas atitudes nos velhos costumes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades e suas organizações são ambientes onde os indivíduos se organizam conforme seu status, sendo essa uma técnica de exclusão (consentida, tolerada e desejada), pois esta organização é dada por leis universais dos direitos humanos, dentro de um regime democrático onde cada indivíduo é visto como cidadão (aqui visto como um mero consumidor); mesmo assim, cada segmento tem sua realidade dentro desta sociedade. *Evidenciou-se, a partir disso, uma dialética exclusão/inclusão, em que a exclusão cria uma subjetividade específica que promove a ilusão de inclusão e a ilusão de exclusão, não existindo seres excluídos nesse modo de produção capitalista.*

Os espaços registram cada atitude nas quais cada ser participa, e, nesse caso, a de produção e de reprodução do consumo toma um espaço de destaque. Cada segmento faz parte de um todo e este todo confere as atitudes e não atitudes que esses se submetem e são submetidos por justificativas nos quais cada período histórico é elencado. Nesse contexto, precisamos especificar a consciência da realidade, das relações entre as representações coletivas e individuais, para evitar que estas estejam presentes somente nos momentos de conflitos. Para finalizar, através dessa experiência ficou claro que toda a questão materialista foi destruída, sobrando apenas homem e natureza; mas por outro lado, seguem as contradições onde a organização atual persiste em privilegiar uns e excluir outros.

## 6. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Alexandre Eslabão. **Reflexões teóricas sobre os processos sociais da contradição exclusão/inclusão.** Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós- Graduação em Geografia- PPGEO. Universidade Federal do Rio Grande, 2010.

CANEVACCI, Massimo. **Dialética do indivíduo. O indivíduo na natureza, história e cultura.** Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HESS, Remi. **Produzir sua obra: o momento da tese.** Trad. Sérgio da Costa Borba. Brasília: Liber Livro, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética.** São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MELLO, Marco. **Pesquisa participante e Educação Popular: da intenção ao gesto.** Porto Alegre: Isis, 2004.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ciência e existência.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 5. Edição- Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel. Terra, 2007.

SAWAIA, Bader (org.) et all. *As artimanhas da exclusão*. Análise psicossocial e ética da desigualdade social. 6.edição editora Vozes Petrópolis 2006.